



Por uma cultura de paz

122. RedeUnaViva: Meditação Cristã 122 – paragem 221 – 15.01.2017

MATEUS 17:19-21; MARCOS 9:28-29

A CURA DO EPILÉPTICO – A FÉ

Cura 12 (continuação)

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Por que não puderam os discípulos expulsar o Espírito obsessor do jovem epiléptico?
2. O que é a fé que remove montanhas?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. Como jejuar para alcançar a oração meditativa?

122.1 Introdução: Sobre o insucesso dos discípulos na cura do epiléptico.

De novo os discípulos se intrigaram com aquele evento público. Desde que Jesus os despachou para a primeira peregrinação pela Galileia é certo que lhes deu ordem de propagar o reino de Deus tal como o próprio fazia. Eles já tinham participado bastante desse serviço, presenciando o *modus operandis* do seu Mestre. Jesus também os autorizou a curar em seu nome. Deveras conseguiram resultados satisfatórios tanto que, convocados a repeti-lo pelo pai desesperado, tomaram a iniciativa. É provável que algumas iniciativas foram tentadas, cabendo-nos a hipótese de que mais de um daqueles nove apóstolos colocaram-se na posição de curador, usando a fala, as mãos e até outros recursos. Mas nada, o Espírito resistiu, como procedeu com o próprio Cristo, e permaneceu no seu posto de influência danosa. No entanto, quando o Cristo entrou em ação, testemunharam o resultado diferente. Maravilharam-se tal como procedeu a maioria daquela multidão que assistiu à cena. Ficaram em silêncio, mas com uma dúvida atroz a lhes incutir muitas ideias.

Quando se viram a sós, já no ambiente protegido da casa de Pedro, disferem, de imediato, a pergunta: “por que não conseguimos curar o jovem enfermo? Por que não



Por uma cultura de paz

conseguimos eliminar aquilo que se deduz ser a causa da sua doença, ou seja, a influência e domínio de um Espírito inferior sobre o mancebo”?

São três versículos de Mateus e dois de Marcos que expõem o colóquio íntimo do colégio cristão, elucidando para eles e para nós a lição. O versículo central de Mateus não tem correspondência em Marcos e trata especificamente da fé. O sintético esclarecimento de Jesus sobre a questão merece um tratamento analítico a fim de que não venhamos repetir a experiência frustrante e, até vexatória, daqueles primeiros voluntários da seara evangélica.

122.2 Evangelho-parte 1: Fé, oração e jejum. (Mc, Lc)

Mateus 17:19-21	Marcos 9:28-29
19. Então chegando-se os discípulos a Jesus em particular, perguntaram: "Por que não pudemos nós expulsá-lo"?	28. E tendo entrado ele em casa, perguntaram-lhe seus discípulos particularmente: "Por que não pudemos nós expulsá-lo"?
20. Jesus respondeu-lhes: "Por vossa falta de fé , pois em verdade vos digo que, se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda , direis a este monte: Passa daqui para lá , e ele passará; e nada vos será impossível".	29. Respondeu-lhes: "Esta espécie só pode sair pela oração e jejum ".
21. Mas esse tipo não sai senão com oração e jejum".	



Por uma cultura de paz

1. Entrando em casa, os discípulos perguntaram-lhe, em particular: “por que não pudemos nós expulsá-lo”?
2. Jesus respondeu-lhes: “por vossa falta de fé, pois em verdade vos digo que, se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda, direis a este monte: passa daqui para lá, e ele passará; e nada vos será impossível”.
3. “Mas esse tipo de Espírito não sai senão com oração e jejum.”

122.3 Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Por que não puderam os discípulos expulsar o Espírito obsessor do jovem epiléptico?

Jesus foi sintético na primeira resposta: falta de fé. Depois, explicou melhor a relação do poder (curativo) com a fé. Concluiu, então, sobre a necessidade de oração e jejum para enfrentar problemas graves como obsessões daquele jaez.

Quando Jesus convocou os doze, deu-lhes poder para expulsarem espíritos perseguidores e curarem toda espécie de enfermidade (Mt 10:1). Após elencar as instruções indispensáveis à missão, despediu-os dois a dois, em peregrinação. Assumiram o posto de primeiros mensageiros do reino de Deus (MC-88 e seguintes). Apoiou-os magneticamente à distância, enquanto desempenhavam o nobre serviço. Nesta passagem, nos deparamos com um dos seus insucessos, embora seja admissível que outras decepções tenham ocorrido anteriormente. Quiseram conhecer os motivos dessa incapacidade e na primeira oportunidade, isto é, em particular, na casa de Pedro, interrogaram seu Mestre.

A ciência espírita já esclareceu o suficiente para entendermos que a “expulsão” de Espíritos malignos, ou *mundos*, depende de muitos fatores. Não é obra de voluntarismo técnico que um exorcista eleja na intenção de desligar os dois Espíritos comprometidos. O uso de amuletos, talismãs ou de palavras mágicas decorre de um precário entendimento sobre o processo de obsessão. O poder real vem do coração e é dirigido pela lucidez que o conhecimento gera. Estas prerrogativas transbordavam do Cristo. Quem as tem, usa a palavra com exatidão e firmeza fazendo o subordinado acatá-la pelo poder moral irradiado. Assistimos a isso em alguns casos de cura dos endemoninhados, protagonizados pelo Nazareno. Eles reconheciam e se submetiam à sua autoridade. Ela produz o afastamento por instalar uma aura luminosa de proteção sobre o perseguido da atualidade – sim, esta designação temporal é cabível, pois a vítima de hoje pode muito bem ter sido o algoz do passado – para que o obsessor não volte à carga.

No entanto, mesmo desprovidos deste grau de autoridade, o cristão pode ajudar através do intercâmbio espiritual, onde a mediunidade desempenha função



Por uma cultura de paz

importante. Cooperar neste processo de libertação implica em operar nas duas pontas do problema. A cura depende da evangelização. Tanto do obsessor e do obsidiado, como do *doutrinador* – isto é, do encarnado que enceta o diálogo esclarecedor com o Espírito. Através de um médium de psicofonia (faculdade mediúnica utilizada pelo Espírito para se exprimir pela fala), esta abordagem permite que o Espírito mostre suas motivações à perseguição, enquanto a vítima pode vir a conhecer seus comprometimentos de outrora. A evangelização está na base da cura, porque invariavelmente a obsessão é movida por ódio decorrente de confrontos de outras encarnações que, conhecidos, ensejam a compreensão da necessidade do perdão, por ambas partes. As vibrações de amor em torno do campo mental dos competidores produzem mudanças significativas e, após um tempo de tratamento, é possível restaurar-se a saúde espiritual.

Fé, oração e jejum funcionam como elementos curativos indispensáveis para os três, incluindo até mesmo para o médium doutrinador. Mas o jejum mais eficiente para o médium como agente facilitador é aquele que o afasta das paixões que enredam o ego nas faixas inferiores da vida.

2. O que é a fé que remove montanhas?

Fé é o sentimento de quem acredita naquilo que considera verdadeiro. Embora haja a fé em algo concreto, como o si mesmo, na acepção religiosa a fé se relaciona com o transcendente, com o imponderável, o abstrato. No Pai, em Deus. A dificuldade do iniciante reside em não reconhecer o Pai em si, ou seja, sua identidade com Deus. O transcendente como também imanente. Si mesmo como Deus e base da fé excelente.

Fé, como atitude, pressupõe vontade convicta dirigida para um objetivo, não somente realizável, mas que virá a ser realizado. O fim almejado será atingido. O fiel considera saber o que fazer para alcançar seu escopo, ou saber esperar pelo seu resultado. A fé, como crença, pressupõe a validação dos princípios religiosos, pelo menos, para si.

Como é isto, na doutrina cristã?

Jesus diferenciou o valor do pão transitório daquele alimento estável para a vida imanente que o próprio Filho do Homem tem para dar. Ou seja, as coisas que são da Terra, efêmeras e transitórias, daquelas que são do Espírito, permanentes e definitivas. Exaltou a diferença entre realizar as obras do homem daquelas próprias de Deus. Neste contexto, afirmou: “Eu, que aqui estou, que vos olho e por vós sou visto, palpável, eu sou o Pão Vivo. Realizar a obra de Deus começa por acreditar nesta afirmação que vos dou. Quem dá este pão, na verdade, é o Pai, que o deu a Moisés para distribuir com vossos pais, no deserto, como o dá, agora, a mim. Eu descí do céu para fazer a vontade do Pai e não a minha. E a vontade dele é que eu não separe dele todo aquele que ele me deu, mas que o eleve na etapa final. Eu sou o Pão da Vida e quem comer desse alimento terá a vida imanente. Ninguém vai ao Pai senão por mim.



Por uma cultura de Paz

(João 6:27 e seguintes). “Quem crê em mim, crê, não em mim, mas naquele que me enviou” (João 12:44). Jesus, o imanente, traz consigo o Cristo transcendente. Cada um de nós, na imanência de ser humano, traz consigo a transcendência crística.

Apossar-se da fé cristã implica em participar da corrente que compacta e transmite, em torno de trinta gerações, a unidade do Cristo com o Pai, como o legado da Tradição. Implica em descobrir nestas gerações, desde a primeira, os verdadeiros apóstolos capazes de manter aceso o testemunho de fé do Mestre, revelado em palavras e atos. Reatualizaram em cada época a fé em essência – sua comunhão com o Cristo e o Pai –, como exemplos vivos. Cabe a nós descobri-los para que, pegando deles o bastão, o transmitamos aos nossos filhos e seguidores.

Na atualidade, é possível a utilização de um fenômeno estudado pela Física Quântica, para ilustrar o ensino especial do Cristo sobre a fé. Trata-se do **Efeito Compton**. Em termos simples e rápidos, o fóton, como partícula de luz, detém a propriedade de “expulsar” um elétron da sua órbita em torno do núcleo atômico, na dependência da sua frequência. Quanto maior a frequência de uma partícula quântica mais elevada é a sua energia. Acima de uma dada frequência (na faixa da luz verde), a energia do fóton é suficiente para interagir com o elétron *massivo* (que contém massa) como se fossem duas “bolinhas de bilhar”. E o fóton por ser mais potente, nesta condição, joga o elétron para longe. Se sua frequência for baixa, o fóton funcionará como uma onda, cuja energia será absorvida pelo elétron. Entenderam sua correspondência, como fenômeno físico, com o fenômeno mental?

Esta correspondência permite-nos desvendar aquilo que parece absurdo na frase, “se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda, direis a este monte: passa daqui para lá, e ele passará...”? A mente bastante energizada, em estado de fé, é capaz de agir, de mover, a matéria.

O Cristo já utilizou a figura desta diminuta semente como comparação do reino de Deus, dizendo que ele se parece com a pequenina semente, quase imperceptível, mas depois de desabrochar, torna-se um imenso arbusto. De outra feita afirmou que João Batista era o maior dos nascidos de mulher, mas que o menor no reino de Deus era maior do que o precursor. A pequena fé de um dos m

Se ainda somos da Terra, filhos de mulher, com fé comparável com a dos menores moradores do reino de Deus, isto é, pequena, do tamanho de um grão de mostarda, nossa mente, vibrando em alta frequência, funcionará como uma montanha maior do que aquela que queremos mover – analogia entre o fóton e o elétron. Um corpo maior *tende a dobrar* outro menor. De outro modo, transpondo o fenômeno físico para a esfera da obsessão, se a frequência mental do curador for grande o suficiente, ele “expulsará” o *Espírito imundo* do campo vibratório da vítima, tal como o elétron foi “expulso” do campo atômico.

A mente depurada tem a capacidade de mover a matéria e ainda, subordinar Espíritos que vibram em frequência mais baixa.



Por uma cultura de paz

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. Como jejuar para alcançar a oração meditativa?

Sou também um aprendiz da fé, Amigo divino. No mais das vezes esforço-me para fazer o que me cabe nas tarefas diárias, deixando à providência a escolha daquilo que me é necessário, útil e valoroso. E ao que me vem, devo responder a contento.

Ensinaram-me os Espíritos, teus mensageiros, que para alcançar aquilo que é pedido, preciso três requisitos: saber pedir, fazer por merecer e esperar com paciência o concurso do tempo. Este, muito mais o de Deus do que o meu.

Posso pedir o inadequado e, como medida de segurança, tal como um pai zeloso, que não dá de acordo com os caprichos do seu rebento, Deus resguarda-me do pior. Não estaria alcançando o objetivo por falta de fé? Não, mas pela impropriedade do pedido.

Posso pedir aquilo que para ser alcançado careço de passos intermediários que ainda não trilhei e, portanto, não detenho. Não estaria conquistando o almejado por falta de fé? Não, mas por não ser merecedor de tal. De que serviria ter poder se seu uso compromettesse a empreitada.

Portanto, nas mãos de Deus me coloco, pedindo que se faça sua vontade e não a minha. E me exercito na paciência esperando pelo melhor enquanto a fruta interior amadurece.

Aquilo que já entendo como imprescindível em cada situação para agir como trabalhador da causa cristã, nisto peço ajuda. Para que os padrões do ego se desvançam, reflito em cima das tuas máximas e, para isto, peço ajuda.

Para os familiares e companheiros do bom trabalho, peço força, sim. Peço resistência para suportarem os desafios que lhes batem à porta. E lucidez para escolherem o que leva ao crescimento. Peço para que esteja disponível, acolhendo toda oportunidade de ajudar, mesmo que isso implique em somente saber calar, ou transformar em mim aquilo que vislumbro ser necessário neles. O exemplo genuíno fala mais fundo do que conselhos e sugestões.

É certo que muitos resultados dependem de oração e jejum, tal como na cura do jovem endemoninhado. E para vencer meus demônios interiores, tenho mesmo que recorrer aos dois. Entro em meditação diária para educar minhas veredas do pensar e do sentir; para alcançar a estabilidade mental que torne mais potente a prece para segundos e terceiros. Seus oponentes são as emergências egoicas que brotam na consciência na hora da prática.

Cuido para distinguir nelas as sementes da fome de emoções supérfluas, de conversações comprometedoras e de ações desajustadas. Este é o jejum que devo



Por uma cultura de paz

cultivar. Aproveito para realizar autoterapia: assumo *completações* para conhecer e me livrar dos padrões de sofrimento que ainda carrego.

Depois deste jejum e oração, me preparo para a comunhão. E com fé, colaboro com aqueles que comigo partilham esta jornada.

122.4 Versículo(s) para a meditação: Mateus 17:20

Jesus respondeu-lhes: "Por vossa falta de fé, pois em verdade vos digo que, se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para lá, e ele passará; e nada vos será impossível".

RedeUnaViva: Meditação Cristã 123 – paragem 222 – 22.01.17
MATEUS 17:22-23; MARCOS 9:30-32; LUCAS 9: 43-b-45.

